

# Eduardo Mondlane segundo Gabriel Simbine

Savana 16/8/96

p.9

Por Benedito Tomás Muianga

Na edição do SAVANA de 10 de Julho, Gabriel Simbine publicou um artigo intitulado "Eduardo Chivambo Mondlane", no qual nos é atribuída a autoria de algo que não escrevemos, para além de se alegar gratuitamente que "viciamos e falsificámos dados históricos".

Gabriel Simbine pertence àquele género de pessoas desatentas e sem bases com que possam fundamentar as alegações que se entretêm a fazer em jornais, não obstante a situação ridícula em que acabam por se colocar.

Uma vez que pelos seus próprios meios não conseguiu provar junto dos leitores como é que havíamos viciado e falsificado dados históricos, Gabriel Simbine, qual náufrago que se fez ao mar sem bóia de salvação, viu-se forçado a lançar repetidos apelos a "compatriotas" e a "membros fundadores da Frelimo ainda vivos" para que o socorressem.

Sem pretendermos retirar uma única vírgula sequer daquilo que publicámos (SAVANA 14/6/96), julgamos oportuno chamar a atenção dos leitores para o seguinte:

1. No quarto parágrafo da sua réplica, Gabriel Simbine afirma que, "no nosso artigo de 17/5/96 no SAVANA, não mencionámos o nome do sr. Adelino Gwambe e nem dissemos que ele não tivesse plano e estratégia de libertar Moçambique".

Na realidade, foi isso mesmo que Gabriel Simbine, referindo-se a Adelino Gwambe e outros nacionalistas moçambicanos,

escreveu e passamos a citar: "Mas a verdade manda reconhecer que nenhum deles tinha o plano e estratégia de libertar Moçambique".

2. Em nenhuma parte do nosso artigo é atribuída a Adelino Gwambe a autoria dos estatutos e programas que a Frelimo adoptou no seu primeiro congresso. O que escrevemos foi que "os estatutos e programa da Udenamo foram precisamente os mesmos que a Frelimo viria a adoptar no seu I Congresso".

3. Contrariamente ao que Gabriel Simbine afirma, não colocámos na boca de Mondlane coisa alguma. Citámo-lo, simplesmente.

4. No último parágrafo do seu texto, Gabriel Simbine afirma termos atribuído a Adelino Gwambe a obra de Mondlane, e a Fanuel Malhuza a fundação da Frelimo. Uma leitura atenta do nosso texto prova que não escrevemos nem uma coisa nem outra.

Quanto à pergunta que o desatento articulista deixa no ar, nomeadamente a de se devemos rectificar a história da Frelimo e da luta de libertação, achamos que os factos atrás referidos — e outros mais — demonstram sem margem para dúvidas que a história do movimento nacionalista moçambicano merece da contribuição prestada por cronistas em sintonia com o diapasão o da egocêntrica corte frelimista, carêce efectivamente de revisão, pois a História não pode ser um repositório de enredos e meias-verdades, nem ser escrita ao sabor de ideologias ou filiações partidárias. ■